

## O (en)canto que vem das ruas: leituras das crônicas de João do Rio e Luiz Antonio Simas em Comunicação Social (Jornalismo)<sup>1</sup>

Mei Hua Soares<sup>2</sup>

Faculdade Cásper Líbero

### RESUMO

O presente estudo é fruto de projeto desenvolvido junto ao Centro Interdisciplinar de Pesquisas (CIP) da Faculdade Cásper Líbero e de debates realizados pelo Grupo de Pesquisa Comunicação, Cultura e Sociedade do Espetáculo (FCL). A partir de leituras e análises das obras *A alma encantadora das ruas* (1908), de João do Rio, e *O corpo encantado das ruas* (2019), de Luiz Antonio Simas, realizadas com turmas de graduação do curso de Comunicação Social (Jornalismo), abordam-se questões referentes ao gênero textual crônica, à figura do *flâneur*, à formação e ao ofício jornalístico, à rua e suas representações, bem como às memórias que dela emanam. Como referencial teórico, amparamo-nos essencialmente nos conceitos de Walter Benjamin sobre *flâneur* e experiência; de Antonio Candido (sobre a vida ao rés-do-chão, abordada pela crônica); de hibridismo, de Adorno, e de “cheirar o real”, de Edvaldo Pereira Lima.

### PALAVRAS-CHAVE

Crônica; Rua; Jornalismo; *Flâneur*; Formação

Que se cruzem as filosofias diversas, no sarapatel que une Bach e Pixinguinha, a semântica do *Grande Sertão* e a semântica da sassanha das folhas, Heráclito e Exu, Spinoza e Pastinha, a biblioteca e a birosca. Que se cruzem notebook e bola, tambor e livro, para que os corpos leiam e bailem na aventura maior do caminho que descortina o ser naquele espaço que chega a ser maior que o mundo: a rua.

**Luiz Antonio Simas**

### Crônica, o gênero das quimeras

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora e Mestra em Educação e Linguagem pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), docente do curso de Comunicação Social (Jornalismo/ Publicidade e Propaganda) da Faculdade Cásper Líbero (FCL) e pesquisadora do Centro Interdisciplinar de Pesquisas (CIP).

---

Em seu texto “A vida ao rés-do-chão”, Antonio Candido comemora a proximidade que a crônica guarda com o que é cotidiano, com o que passa despercebido aos olhos de muitos, ressaltando a aparente despreensão e naturalidade presentes nesse gênero textual. No entanto, salienta que isso não faz dela, da crônica, um gênero raso, superficial: “Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição” (CANDIDO, 1981, p.5). Para além da afirmação elogiosa do sociólogo e professor, fato é que a crônica se estrutura a partir de elementos que se distanciam da linguagem demasiadamente erudita ou técnica que outros gêneros textuais mobilizam e perpetuam. A oralidade, os falares de diferentes regionalidades e coloquialidades, o despojamento sintático, a perspicácia de colher das vivências proporcionadas estilos simples que impressionam são características bastante perceptíveis em crônicas de diferentes autores, em diferentes épocas.

Candido, assim como Adorno o fez em “O ensaio como forma” (1954), acaba por ressaltar as virtudes que tornam um gênero discursivo, a princípio menosprezado, legítimo. Aliás, há semelhanças entre ensaio e crônica se se pensar no hibridismo envolvido em ambos. O ensaio, destacado pelo filósofo da Escola de Frankfurt como texto “bastardo”, poderia ser comparado à crônica que por sua vez se apresenta como gênero essencialmente “elástico” e mestiço, uma vez que se aproxima do conto, do artigo de opinião, da reportagem e do próprio ensaio, a depender do estilo de cada cronista, da relação conteúdo-forma que a estrutura permite e do modo como cada autor a recria. Convivem a forma relativamente estável do gênero e o estilo impresso por cada autoria a cada crônica produzida.

Do grego *khronikós* – derivado de *khronos* (tempo), passando pelo latim *chronica* –, o vocábulo crônica designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, ou seja, em ordem cronológica. Justificando o nome do gênero, os primeiros cronistas relatavam, principalmente, acontecimentos históricos relacionados a pessoas importantes, como reis, imperadores, generais etc. Relatavam visitas, ordenamentos, resoluções e ações em textos que funcionavam como registros. Com o passar do tempo, as crônicas passaram por transformações e acabaram por se reportar a assuntos mais arejados, retratando

---

peças comuns, abordando questões que estão “na ordem do dia”, aspectos pouco notórios, minúcias impensadas por outrem, enfim, se reporta à “vida ao rés-do-chão”<sup>3</sup>.

Os primeiros registros brasileiros da crônica moderna datam do século XIX. Em 1828, no periódico *Espelho Diamantino*, havia uma seção fixa de registro de usos e costumes da sociedade da época. Em 1839, surgiram comentários livres sobre o que se passava nas ruas em jornais como *O Carapuceiro* (sob a batuta de Padre Lopes Gama) e *Correio da Moda* (a encargo de Martins Pena). No entanto, somente em 1854, no *Correio Mercantil*, é que o jeito da crônica atual começa a ganhar forma pelas mãos de José de Alencar e sua publicação semanal “Ao correr da pena”, coluna em que narrava acontecimentos e eventos sacramentando o casamento definitivo entre literatura e jornalismo. Já em 1861, no *Jornal do Commercio*, Joaquim Manuel de Macedo passa a escrever textos intitulados “Um passeio”, caracterizando o estilo andarilho do cronista *flanêur*, elemento que trava relação íntima com os devaneios, divagações e errâncias de cronistas e que delimitará o recorte do *corpus* a ser analisado neste projeto.

No Brasil, importantes escritores brasileiros produziram crônicas: Coelho Neto, José de Alencar, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, João do Rio, Luís Fernando Veríssimo, Millôr Fernandes, Nelson Rodrigues, Clarice Lispector, Adélia Prado, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Rubem Alves entre tantos outros. Como podemos observar, muitos romancistas brasileiros se dedicaram à escrita de crônicas, não apenas, mas também, como meio de angariar verba para o financiamento de seus livros.

Destinada a leituras rápidas e não duráveis, em virtude de sua veiculação em revistas, periódicos e jornais (hoje sites, redes sociais e blogs), historicamente elas conseguiram, entretanto, alcançar alguma perenidade quando publicadas em livros e coletâneas ou, atualmente, ao serem mantidas em plataformas digitais por um tempo maior. A crônica, assim como os demais gêneros, sofreu e sofrerá mudanças em função dos suportes em que é apresentada. Mas há características que lhe são peculiares e constantes: precisão, concisão e síntese; presença marcante de comicidade; relação com

---

<sup>3</sup> As características atuais do gênero não estão ligadas somente ao desenvolvimento da imprensa. Também estão intimamente relacionadas às transformações sociais e à valorização da história social, isto é, da história que considera importantes os movimentos de todas as classes sociais e não só os das grandes figuras políticas ou militares. No registro da história social, assim como na escrita das crônicas, um dos objetivos é mostrar a importância e a singularidade dos acontecimentos miúdos do cotidiano.

---

o que lhe é contemporâneo (o que lhe confere um caráter de “ata”, de registro histórico de costumes, linguajares, hábitos que documentos oficiais, por exemplo, não oferecem); mescla entre o factual e o ficcional, entre jornalismo e literatura, entre variações linguísticas normativas e coloquiais<sup>4</sup>.

Por vezes, as quimeras retratadas nas crônicas, justamente pela liberdade com que são abordadas – algo permitido (e desejável) no gênero em questão –, revelam aspectos fundamentais para se pensar a política de um país, a violência como projeto de nação, a riqueza das culturas populares, as resistências, a extrema pobreza gerada pela desigualdade social e econômica, o contexto pandêmico, dentre outros assuntos fulcrais. Mas é pelo pequeno – pelo detalhe – que tais recortes são pensados, estruturados, escritos e apresentados ao leitor. Por vezes de modo alegórico, metafórico, pela chave da ironia e da despreensão. Também por esses motivos a crônica pode ser estrategicamente potente.

### **Jornalismo e Literatura: entrecruzamentos**

A partir obras *A alma encantadora das ruas* (1908), de João do Rio, e *O corpo encantado das ruas*, de Luiz Antonio Simas (2019), um projeto foi desenvolvido (e encontra-se ainda em andamento) com vistas a analisar a representação das ruas, do espaço público, dos personagens que por elas circulam, das vozes que delas emergem segundo a concepção dos supracitados autores. Os temas abordados, o modo como o cronista conduz a narrativa e a sua voz emerge da narrativa, os ângulos em que se apoia e a tessitura verbal construída constituem objetos de estudo. Também está no horizonte da proposta de pesquisa investigar se o gênero textual jornalístico-literário crônica permite noções ampliadas e adensadas do que perpassa a rua enquanto território político, econômico, cultural e afetivo, questionando se uma perspectiva formativa jornalística que incentive “sujar os sapatos” ou “cheirar o real” ainda se faz necessária.

---

<sup>4</sup> “(...) a crônica está no detalhe, no mínimo, no escondido, naquilo que aos olhos comuns pode não significar nada, mas, puxa uma palavra daqui, ‘uma reminiscência clássica’ dali, e coloca-se de pé uma obra delicada de observação absolutamente pessoal. O borogodó está no que o cronista escolhe como tema. Nada de engomar o verbo. É um rabo de arraia na pompa literária. Um ‘falar à fresca’, como o bruxo do Cosme Velho pedia. Muitas vezes uma crônica brilha, gloriosa, mesmo que o autor esteja declarando, como é comum, a falta de qualquer assunto. Não vale o que está escrito, mas como está escrito. Manuel Bandeira dizia que Rubem Braga era sempre bom, mas ‘quando não tem assunto então é ótimo’” (SANTOS, 2007, p.15).

---

O livro *A alma encantadora das ruas* está dividido em quatro partes: uma primeira grande crônica isolada de 23 páginas intitulada “A rua”; um primeiro bloco nomeado como “O que se vê nas ruas” (composto de 14 crônicas); um segundo chamado “Três aspectos da miséria” (composto de 6 crônicas) e uma terceira e última parte intitulada “Onde às vezes termina a rua” (composta de 6 crônicas). São 27 crônicas. Já o livro *O corpo encantado das ruas* não é subdividido e apresenta 42 crônicas. Estão sendo analisadas, portanto, 69 crônicas ao todo.

A primeira etapa consistiu em pesquisar o gênero crônica. Na etapa subsequente estão sendo analisadas as duas obras em seus aspectos linguísticos, estilísticos, literários, discursivos. Para tanto, utilizamos referenciais teóricos próprios dos campos da teoria literária, do jornalismo, da sociolinguística e da análise do discurso: a literatura social, descrita e estudada por Antonio Candido; o jornalismo literário segundo Edvaldo pereira Lima; as variações diafásicas (contextuais), diatópicas (regionais), diastráticas (grupos sociais) e históricas, bem como preconceitos linguísticos, esmiuçados por Marcos Bagno; os gêneros discursivos, a estética e a arquitetura das estruturas textuais, provenientes de estudos de Mikhail Bakhtin. Ao longo do percurso, outros autores e obras serão incluídos para subsidiar os elementos provenientes das diferentes etapas de pesquisa.

Concomitantemente, um estudo sobre as religiosidades, musicalidades e papéis sociais, presentes em ambos os livros que compõem o *corpus* de pesquisa, mostrou-se necessário. Por exemplo, um levantamento de referenciais que forneçam elucidacões básicas a respeito de elementos culturais africanistas e de terminologias de diferentes matrizes africanas, mencionadas nas crônicas, será de suma importância para compreensão do universo ao qual elas se reportam.

Em se tratando de obras que guardam entre si uma distância histórica de mais de cento e dez anos, o presente projeto prevê um estudo comparativo que destaque aspectos relacionados à representação de espaços públicos (ruas), dos sujeitos que neles circulam, das práticas políticas, econômicas e socioculturais descritas nos textos, das interações e relações de lazer e de trabalho etc.

Um eixo importante ainda a ser trabalhado é pensar a crônica e a rua como memória. Coletiva, individual, alegre, violenta, ancestral. Nesse sentido, buscaremos

nos referenciar em estudos da psicologia social, em especial os desenvolvidos por Ecléa Bosi, e em conceitos de memória e esquecimento explorados por Jeanne Marie Gagnbein e Maurice Halbwachs.

Pretendeu-se ainda pensar sobre como a rua (e outros espaços públicos) incide na formação jornalística contemporânea, e sobre como o gênero crônica, por se tratar de texto elástico que mescla ficção e fato, pode (ou não) permitir: 1) a expressão jornalística de questões pouco aprofundadas ou reveladas em outros gêneros textuais mais estritamente técnicos e rígidos; 2) a presença da voz do cronista que direciona o olhar do leitor para as temáticas abordadas sem transformar o discurso erigido em verdades únicas e neutras, o que faz com que o leitor tome suas próprias conclusões a partir do exposto; e 3) a ampliação de perspectivas no sentido de incluir ângulos, detalhamentos e narrativas mais plurais.

### **Pensando a rua ontem e hoje: *flanação*, memória, ofício e controle**

Tanto o jornalista João do Rio quanto o historiador Luiz Antonio Simas se tornaram cronistas e fizeram da rua sua matéria-prima nos livros que serão analisados. Ambos guardam diante dela uma postura ambígua, exercendo um papel que transita entre o que Walter Benjamin chamou de *flâneur* (conceito surgido a partir de poemas de Charles Baudelaire) e, paradoxalmente, o que a ele se contrapõe. Em seu livro *Charles Baudelaire – um lírico no auge do capitalismo*, Benjamin descreve e esquadrinha o sujeito que se permite caminhar pelas ruas como um andarilho sem rumo, apenas pelo prazer da observação, pelo deleite diante das surpresas e desafios que as ruas reservam (ou pelo delírio de acompanhar as massas, como no conto “O homem da multidão”, de Edgar Allan Poe, outro autor que fez da rua personagem protagonista) e reflete sobre como isso se contrapõe à lógica capitalista. O *flâneur* pode ser visto como alguém que se permite errar, vagar, se surpreendendo com aquilo que encontra, misturando-se às pessoas desconhecidas, às rodas populares, apenas por prazer – um elogio ao ócio no bojo dos grandes centros urbanos, a *flânerie* é para poucos – ou como um tipo fútil, aburguesado, que vaga pelas vias enquanto os demais (a maioria, os “comuns”) trabalham, vendem mercadorias, têm a sua mão-de-obra explorada, transformam-se eles mesmos em mercadorias, morando, mendigando e sobrevivendo na rua. No entanto, nas duas percepções há um lastro comum que é o de ruptura com um estado vigente. O *flâneur*, de um modo ou de outro, destoa da multidão. Mesmo não rompendo com o

ciclo capitalista, não se funde a ele. Benjamin compara o eu-lírico dos poemas de Baudelaire com os personagens operários de Victor Hugo para salientar diferenças e pôr em xeque os aspectos mencionados.

Para nosso estudo, caberia pensar em que medida o cronista – enquanto jornalista-escritor que necessita executar tarefas em função de seu ofício, mas também como aquele que se permite (ou se obriga a) observar as ruas e experienciá-las, para depois sobre elas escrever – desempenha os dois papéis, circulando pelas duas esferas (ócio/ofício) separada ou concomitantemente. De que modo isso influencia (ou não) o seu fazer, a sua percepção, a sua prática jornalística? Em tempos digitais, velozes e incessantes, “sujar os sapatos”, flanando ou trabalhando, ainda é necessário? Escrever textos em gêneros mais livres como a crônica pode interferir no olhar da/do jornalista e, conseqüentemente, influir na detecção e construção de diferentes ângulos e narrativas do real?

No posfácio “Olhar insubordinado” do livro *A vida que ninguém vê* (uma reunião de perfis e crônicas publicadas em 1999 no *Jornal Zero Hora*), a jornalista e repórter Eliane Brum – atualmente colunista do *El País*, colaboradora do *The Guardian* e autora de oito livros – salienta sua predileção por “histórias comuns”:

Sempre gostei das histórias pequenas. Das que se repetem, das que pertencem à gente comum. Das desimportantes. O oposto, portanto, do jornalismo clássico. (...) O que esse olhar desvela é que o ordinário da vida é o extraordinário. E o que a rotina faz com a gente é encobrir essa verdade, fazendo com que o milagre do que cada vida é se torne banal. Esse é o encanto de *A vida que ninguém vê*: contar os dramas anônimos como os épicos que são, como se cada Zé fosse um Ulisses, não por favor ou exercício da escrita, mas porque cada Zé é um Ulisses. E cada pequena vida uma *Odisseia* (BRUM, 2006, p.187).

O jornalista e professor Edvaldo Pereira Lima, ao discorrer sobre o jornalismo literário no capítulo “Histórias com sabor e cor”, do livro *Jornalismo literário para iniciantes* (2014), assinala as sinestésias decorrentes dessa vertente jornalística e a importância da experiência sensorial do leitor, a partir da condução de quem escreve, e tem como premissa “cheirar o real”:

O jornalismo literário prefere esse modo de narrar porque seu compromisso implícito com o leitor é dar-lhe não apenas informação sobre alguma coisa. É fazer com que o leitor passe pela experiência sensorial, simbólica, de

---

entrar naquele mundo específico que a matéria retrata. (...) na vida real, os lugares onde as coisas acontecem têm cheiro. As pessoas e objetos têm formas e tamanhos. Têm cores. Os ambientes geralmente têm sons. As pessoas falam alto ou baixo. Há ruídos em torno, barulhos distantes podem chegar até o local. Tudo isso apela para os sentidos humanos (LIMA, 2014, p.15).

A partir do estudo das crônicas publicadas nos livros de João do Rio e de Luiz Antonio Simas, é possível refletir a respeito do olhar arguto e sensível dos cronistas direcionado às vozes, ecos, grandezas e miudezas, sacralidades e pecados das ruas.

Uma parte prática do projeto foi realizada em 2019, a partir das crônicas de João do Rio, em aulas de Língua Portuguesa e Introdução ao Jornalismo, e resultaram em reportagens-crônicas elaboradas por alunas e alunos de primeiro ano de graduação em Comunicação Social. A proposta envolveu uma jornada de 24 horas de “flanação” e produção pelas ruas centrais de São Paulo considerando a rua e seus sujeitos. As resultantes textuais discentes não serão apresentadas aqui, mas esse processo fez parte da pesquisa em andamento e contribuiu efetivamente com nossos estudos.

### **Entre a alma encantadora e o corpo encantado das ruas**

João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, ou Paulo Barreto, mais conhecido como João do Rio, foi jornalista, cronista, contista e teatrólogo carioca. Faleceu com quase quarenta anos, em 1921. Conhecido por sua prosa urbana e por sua escrita detalhada, ocupou a cadeira de número 26 da Academia Brasileira de Letras, em 1910, e traduziu obras de autores como Oscar Wilde e Charles Dickens. Dentre seus feitos está a liberdade com que concebeu a fusão entre reportagem e crônica literária – fundando o gênero crônica-reportagem – para retratar um Rio de Janeiro em pleno processo de urbanização, marcando fortemente o imaginário do que foi a *belle époque*.

*A alma encantadora das ruas* (1908) é uma compilação dos principais textos de sua autoria publicados no jornal *Gazeta de Notícias* e na revista *Kosmos*. O livro está dividido em três blocos além do famoso texto inicial “A rua”. O que se pode depreender da leitura de suas crônicas é um retrato social contundente e esmiuçado de um Rio de Janeiro que não figurava nos livros e documentos oficiais. A crônica “Pequenas profissões”, por exemplo, descortina boa gama dos trabalhos e “bicos” (biscates) que coexistiam nas ruas cariocas no início do século XIX: ciganos que aplicavam pequenos

golpes, catraieiros, trapeiros, apanha-óculos, selistas, caçadores, ledoras de *buena dicha* e os sem ocupação. Há inclusive a transposição, adaptada ou ficcionalizada, de pequenos diálogos e a narração de curtos episódios envolvendo essas figuras anônimas. Existem textos que também revelam estereótipos e juízos de valor que denotam um pensamento de época, de classe, que pode (ou não) ter se estendido até os dias atuais. Esses fatores também estão sendo objeto de análise. Trata-se de uma obra já abordada à luz de diferentes áreas de conhecimento (literatura, sociologia, antropologia) que, no entanto, mereceria análise, em perspectiva comparativa, a outra obra – contemporânea e ainda não estudada – que a ela alude logo no título: *O corpo encantado das ruas*. Nesse sentido, o conceito de “regimes de historicidade”, difundido por François Hartog, nos auxiliará a mapear e a traçar pontes entre as obras, suas representações e seus contextos de produção tendo como perspectiva os diferentes regimes em que surgiram e ao qual se reportaram.

Luiz Antonio Simas, autor de *O corpo encantado das ruas*, obra publicada em 2019, nasceu em 1967, é historiador, professor e escritor. Formado pela UERJ, é carioca e apresenta em seu livro uma reunião de textos-crônicas todos iniciados com “As ruas (...)”. Numa primeira leitura do livro é possível perceber a forte presença da religiosidade pela utilização de cantos, vocábulos, rimas e conceitos próprios da Umbanda e do Candomblé. Há ainda traços marcados da íntima relação que o cronista guarda com o samba, a musicalidade e a “gramática dos tambores”, o que encharca poeticamente a visão que se tem das ruas do Rio de Janeiro da atualidade. O autor defende um fazer a partir da “esculhambação criativa”<sup>5</sup>, que traduz um pouco a sua relação com a escrita.

Embora guardem a já mencionada distância temporal, muito do Rio de Janeiro de 1900 se faz sentir no de 2019 nas obras desses autores. Semelhanças e diferenças vão completando um quebra-cabeças que pode não revelar uma imagem completa, mas explicita inúmeras complexidades. As sensações vagas, as visões plurais, as percepções ora precisas ora difusas fornecem chave para reflexões e lampejos de entendimento

---

<sup>5</sup> O autor explica um pouco o que seria a “esculhambação criativa” em uma entrevista: “É a capacidade de transformar espaços de controle em terreiros – espaços de encantamento. É só imaginar o Viaduto de Madureira. É um território que serve à circulação de carros. Quando começa o baile debaixo do viaduto, aquele território é terreirizado. Foi criativamente encantado. Esculhambar também tem o sentido de quebrar alguma coisa. No caso, é quebrar a ordem normativa e desencantada da vida na cidade” (*Revista Bons Fluidos*, dezembro de 2019).

---

sobre o que somos, sobre de que lugares e raízes descendemos, de que maneira historicamente reagimos, resistimos e também sucumbimos. Fantasmas e materialidades do ontem e do agora, instantâneos de diferentes Brasis, vão emergindo dessa leitura comparada que certamente revelará interessantes desdobramentos a partir de análises mais detidas.

### **Algumas considerações**

Apesar da pesquisa estar inconclusa, é possível trazer alguns apontamentos que possibilitam reflexões a respeito do tema abordado.

Analisando mais detidamente as crônicas de João do Rio, é perceptível uma voz cronista que observa e busca enaltecer o processo de urbanização carioca. Em muitos momentos, no entanto, um tom crítico e severo se faz ouvir no tocante às agruras que perpassam o cotidiano daquele momento histórico. Expressões marcadas por uma abordagem racial – quando o cronista se refere a personagens festivos, embriagados (negros) ou alterados pelo ópio (orientais), em diferentes crônicas – nos deparamos com um pensamento de época ainda muito ancorado no cenário escravocrata. Ao mesmo tempo, o cronista se deixa convencer por amigos que com ele perambulam pelas ruas e que divergem quanto às impressões diante do nela se passa.

Já na obra de Luiz Antonio Simas, o cronista parece evocar uma percepção outra do Rio de Janeiro contemporâneo. A exaltação do popular, das brincadeiras infantis de rua, das rodas de samba, das singelezas presentes nas quitandas, bodegas, botequins, nas músicas entoadas por pessoas simples nas feiras, a sacralidade do comum, do que atravessa a rua são características que atribuem aos textos uma carga afetiva, embora igualmente crítica e contundente, que comove. Não se trata mais do “complexo de viralata”, da necessidade de se equiparar ao contexto ou ao beletismo europeu, mas sim de valorizar e resgatar as belezas e riquezas do pequeno, do miúdo, do simples – na linguagem e na abordagem –, o que coincide com um desgaste da noção de progresso pela urbanização. Nas crônicas de Simas, o que frutificou a partir das resistências negras, indígenas e populares, é o que ainda vive e possibilita respiro. O autor traduz esse movimento como “inventar a vida no precário”, algo que ele exemplifica com a “gramática dos tambores” ou a “imaginação percussiva”, se referindo a como gerações de pessoas negras e pobres resistiram por intermédio da reinvenção do cotidiano pelo

samba, pelo candomblé, pelo toque sagrado dos tambores, pela comida profana e santa ao mesmo tempo.

Considerando-se a parte prática que subsidiou a pesquisa – leituras das crônicas junto a turmas de Jornalismo e produção de reportagens-crônicas a partir do contato com as ruas – depreende-se que o gênero em questão (crônica) parece promover ou favorecer uma *flanação literária* que, em alguma medida, prepara, dialoga, corresponde, reflete ou impulsiona a *práxis da flanação*. Um termo que surgiu para nos reportarmos ao ato de “olhar com olhos de ver” as ruas, ainda que para lidar jornalisticamente com elas, foi a *flanação de ofício*, algo que transitaria entre o perambular sem amarras e as andanças em busca da matéria-prima da escrita jornalística. Nesse sentido, o cronista parece sempre se deparar com a encruzilhada. Algo metaforizado pela alma encantadora e pelo corpo encantado das ruas.

### Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. “O ensaio como forma”. In: *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política* (Vol.1). 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória – ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRUM, Eliane. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”. In: *Para gostar de ler* (Vol.5). São Paulo: Ática, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. [Edição revista e ampliada]. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- FREITAS EL FAHL, Alana de O. *Notas de Rodapé: algumas considerações sobre a Crônica Literária no Brasil e os Periódicos do século XIX*. [S.l.]: UEFS, 2013.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2009.

- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.
- HARTOG, François. *Regimes de historicidade – presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *Jornalismo literário para iniciantes*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.
- MEDINA, Cremilda. *Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos*. São Paulo: Summus, 2008.
- MOISÉS, Massaud. “A crônica”. In: *A criação literária – prosa e poesia*. São Paulo: Cultrix, 2012.
- RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- SANTOS, Joaquim Ferreira dos (org.). *As cem melhores crônicas brasileiras*. São Paulo: Objetiva, 2007.
- SIMAS, Luiz Antonio. *O corpo encantado das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.